

A IMAGEM DO IMPERADOR GALIENO (R. 260 – 268) E O PESO DE UM SÉCULO CONTURBADO

Pedro Benedetti *

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a construção da imagem do imperador Galieno (r. 260 – 268) em documentos latinos tardios, buscando resgatar a memória desse personagem que se perpetuou no meio senatorial. Primeiramente, exporemos a situação política e militar do Império Romano logo antes de sua elevação ao *augustato*, as tentativas de construção de dinastias e a sequência de breves reinados. Depois passaremos aos desafios que o imperador teve de enfrentar e suas ações no sentido de sanar os problemas do Império. Por fim, analisaremos como essas medidas, embora tenham apontado uma saída para o período turbulento e até conquistado a admiração da elite do mundo grego, desagradaram imensamente à elite senatorial latina que o depreciou em seus textos, perpetuando uma imagem negativa do imperador.

Palavras-chave: Galieno – Política– Elite Senatorial

Abstract: This paper aims to analyse the construction of emperor Galienus' image in late antique documents, seeking to retrieve this character's memory that was perpetuated through the senatorial milieu. First we will expose the political and military situation on the Roman Empire right after his ascension to the *augustate* and the attempts to put in place a dynastic principle, as well as the brief reigns of emperors in the 3rd century. Afterwards we will go through the challenges that the emperor had to face and his actions towards solving the empire's problems. Lastly, we will analyse how these measures, although they had pointed a way out of the turbulent times, and even gained the admiration of the Greek elite, displeased greatly the Latin senatorial elite, who depreciated him in their texts, perpetuating a negative image of the emperor.

Keywords: Galienus– Political – Senatorial elite

O período posterior à morte de Severo Alexandre (r. 222 – 235¹) é marcado por intensas transformações políticas e sociais no seio do Império Romano, que fascinaram historiadores

*Mestre em Antropologia e História da Antiguidade pela Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Membro do GELATIVM-UFU, grupo de estudos em latim coordenado pelo Prof. Dr. Frederico Sousa, e da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

estudiosos do período do principado. Em verdade, convencionou-se chamar de Baixo Império, aos moldes das periodizações da egiptologia de outrora, o período que se seguiu ao fim da dinastia dos Severos e foi marcado pelo exercício de um poder imperial de caráter absolutista, em contraste com a autocracia “esclarecida” do período do Alto Império². Para os historiadores adeptos dessa periodização, essa mudança radical no caráter do exercício do poder imperial se deveu principalmente à necessidade de uma rápida resposta diante dos perigos externos que pendiam sobre o império. E nessa tomada de atitude, o exército e seus comandantes detinham o papel principal de maneira que o senado ficava cada vez mais com um papel secundário.

Severo Alexandre e sua mãe, a influente Julia Mamaea, foram assassinados no início do ano de 235 pelas tropas romanas, depois de uma expedição contra os Alamanos em 234, durante a qual o imperador se contentou com uma ofensiva de intimidação e propôs acordos de paz com os inimigos, mediante o pagamento de tributos, algo que teria sido visto como uma fraqueza pelos soldados, que esperavam uma abundante recompensa pelo seu esforço de guerra³. O motim que pôs fim à vida do último dos Severos e sua matriarca elevou ao *augustato* um de seus comandantes, o semi-iliterato Maximino, o Trácio, de origens obscuras - bárbaras, segundo Herodiano e o autor da *História Augusta*⁴. O reinado de Maximino foi muito simbólico, não apenas porque este imperador resolveu levar o ferro e o fogo em território inimigo, mas principalmente porque sua elevação marcou uma era de governantes que nem sempre saíam do seio da elite senatorial, mas que vinham das fileiras do exército e cuja legitimidade se apoiava principalmente no exército.

Maximino jamais se preocupou em legitimar seu poder na cidade de Roma, durante seu curto reinado de três anos, o *princeps* se isolou no coração do exército romano e dedicou todo seu tempo a combater os bárbaros da Europa. Esse evento totalmente novo em muitos aspectos abriu precedentes para que, no decurso do século, o exército aclamasse seus comandantes como imperadores diante de um risco iminente ou por causa de seu descontentamento. Essa série de “imperadores soldados” marcou um período que a historiografia das décadas anteriores comumente chamou de “Anarquia Militar”.

Durante este período conturbado, que durou até a ascensão de Diocleciano em 284, vinte e dois imperadores se sucederam, de maneira que apenas Cláudio II (r. 268) e talvez Tácito (r. 275 – 276) morreram de causas naturais⁵. Gordiano III foi morto em circunstâncias obscuras enquanto voltava de uma expedição contra os Persas em 244, Trajano Décio e seu filho foram abatidos enquanto tentavam interceptar os Godos do rei Cniva, em Abrito, em 251 e Valeriano pereceu em cativeiro, capturado pelos Persas de Sapor I, em 260. Usurpações foram constantes e raros foram os reinados que duraram mais de um ano.

Houve tentativas de consolidação de dinastias, algumas até com certo apelo popular, como no caso dos Gordianos, quando se exigiu que Gordiano III, neto de Gordiano I e sobrinho de Gordiano II, fosse associado ao poder imperial junto a Pupieno e Balbino, eleitos pelo Senado. Posteriormente, Pupieno e Balbino foram assassinados pela guarda pretoriana e Gordiano III reinou sozinho. A dinastia não teve continuidade, de maneira que Philippe, o árabe, prefeito pretoriano na época, foi aclamado imperador pelas tropas. Ele também ensaiou enraizar uma dinastia, nomeando César seu filho de apenas sete anos, e elevando-o à dignidade de Augusto em 247, quando este tinha apenas 10 anos. No entanto, o garoto, com apenas 12 anos, foi assassinado pela guarda pretoriana depois de seu pai perder a batalha contra o usurpador Trajano Décio em 249. Décio, por sua vez, aproveitou o momento e nomeou Césares seus filhos Herênio Etrusco e Hostiliano em 250. Depois da morte de Décio e Herênio, Treboniano Galo, governador da Mésia, é aclamado imperador e adota Hostiliano, elevando-o ao *augustato* ao mesmo tempo em que associa seu próprio filho Volusiano ao poder, nomeando-o César.

No entanto, esse princípio conturbado de dinastia não se sustentou, Hostiliano morre devido à peste, Volusiano ascende ao *augustato* e o novo governador da Mésia, Emiliano, é aclamado imperador por suas tropas. Treboniano envia logo Valeriano para reprimir a usurpação. O senador, que serviu ao exército sob Décio, é aclamado imperador por suas tropas e elimina Treboniano e Volusiano, abandonados por seus soldados. Embora Emiliano seja reconhecido imperador pelo Senado, seus soldados se aliam a Valeriano e o assassinam, tendo em vista que estavam em menor número⁶.

É verdade que o termo “Anarquia Militar”, utilizado notavelmente pelo célebre historiador ucraniano Mikhail Ivanovich Rostovtzeff⁷ no início do século XX para descrever essa série de perturbações políticas e sociais, carece de precisão conceitual, bem como designar esses governantes pelo nome de “imperadores soldados”. Atualmente hesitamos mesmo em caracterizar o período como “Crise do século III”, dando a entender que houve uma crise generalizada e constante durante todo o período⁸. De qualquer maneira, os documentos nos fazem crer que os contemporâneos tinham plena consciência de que viviam num período de dificuldades excepcionais. E foi nessas conturbadas circunstâncias, nesse esforço contínuo de imperadores oriundos das fileiras do exército romano de estabelecer uma nova dinastia que pusesse fim à instabilidade política e social que grassava o Império Romano, que Valeriano requereu ao senado que seu filho Galieno fosse elevado ao *augustato* em 253.

- Galieno: entre sua prática e a sua representação

Dentre os imperadores dessa época, Galieno detém seguramente o título de reinado mais durador; foi co-imperador com seu pai, de 253 a 260, e comandou sozinho o Império Romano, de 260 a 268, de maneira que deu continuidade a dinastia associando seus filhos Valeriano II (em 256) e Salonino (em 258) ao poder como Césares quando ainda eram crianças. É notável que, ao falar das grandes desgraças de seu tempo, o nome que vem à memória das gerações posteriores àquelas que vivenciaram o auge desse período conturbado – a saber, da grande invasão de Cniva em 249 à reunificação do império sob o comando de Aureliano em 274 – é o de Galieno. Numa carta de Agostinho, o bispo de Hipona conforta seu amigo Hesíquio de Salona, que acreditava estar vendo diante de seus olhos o fim do mundo depois de Roma cair nas mãos do comandante godo Alarico, em 410. Para ele, as angústias de seu amigo não se justificavam, pois

quando a Terra não foi oprimida pelas guerras por diversos intervalos de tempo e lugares? (...) sob o imperador Galieno, quando a barbárie permeava as províncias por todos os lados, quantos de nossos irmãos, que estavam encarnados naquela época, nós supomos terem podido acreditar que o fim do mundo se aproximava...⁹

De fato, as campanhas do rei Cniva em território romano haviam mostrado que os povos da fronteira reno-danubiana podiam não apenas fazer pequenas incursões de rapinagem, mas também levar a cabo verdadeiras operações de guerra. Enquanto o exército romano se ocupava na Dácia, os Alamanos tentaram invadir as províncias do Reno em 253, aproveitando-se de revoltas civis que tomaram conta da Gália pouco antes¹⁰, e é possível ainda que os Francos tenham tentado saquear o vale do rio Sieg em 256, tendo sido impedidos pelo próprio Galieno em Colônia¹¹. No entanto, as incursões na parte helênica do império são muito melhor documentadas do que as que tiveram lugar nas províncias ocidentais. Tessalônica foi sitiada em numa incursão massiva dos Godos em aliança aos Marcomanos que espalhou o terror nas ilhas gregas em 254¹². Em 267 outra invasão massiva ocorreu no mar Egeu, dessa vez foi a vez dos Hérulos ocuparem Atenas, Corinto, Esparta, Argos, Tessalônica, Cassandra e a Acaia; em terra, os Godos tomaram Filipópolis¹³.

Ainda assim, não convém deixar de lado as invasões dos Alamanos e Jutungos que em 260 teriam chegado até Ravena¹⁴ e, segundo Zósimo, causaram uma intensa mobilização do senado e da população na própria cidade de Roma¹⁵. Mas tudo indica que Galieno teria sido bem sucedido em sua tentativa de interpelá-los em Milão¹⁶. No entanto, apesar dos esforços do imperador em combater a usurpação de Ingênuo, na Panônia, que se seguiu ao assassinato do jovem Valeriano II em 258, e logo depois acorrer para a Itália em 260, espalhou-se um sentimento na Gália, região que vivia até então uma situação relativamente pacífica, de que

essas províncias haviam sido abandonadas à própria sorte. A presença do imperador em Colônia a partir de 256 até 258 não foi o suficiente para controlar o problema bárbaro nas regiões renanas. Em 259, os Alamanos novamente começavam a mostrar sinais de hostilidade e o jovem César Salonino e seu preceptor Silvano foram assassinados num motim que elevou o comandante Póstumo ao *augustato* em 260. A usurpação durou 14 anos, teve mais dois sucessores e ficou conhecida na historiografia tradicional como “Império das Gálias”, embora não houvesse qualquer indício documental que nos permitisse afirmar que se tratava de um movimento de secessão¹⁷.

A situação na Gália e a incapacidade de Galieno de reprimir a usurpação dos “imperadores gauleses” foram um duro golpe que desvelou a fragilidade do exercício de seu poder imperial. Além disso, a situação no Oriente, em especial na fronteira com o império Persa, se degradou desde que os Sassânidas tomaram o controle em 226 e retomaram as hostilidades contra Roma. Severo Alexandre os combateu em 230 – 233, Gordiano III em 242 – 244, Treboniano Galo em 252 – 253 e uma campanha militar gigantesca encabeçada pelo rei Sapor I ocupou o imperador Valeriano de 256 a 260. O rei persa conseguiu não apenas capturar várias cidades da Síria e da Mesopotâmia – 36 no total – mas também o próprio imperador Valeriano¹⁸. Com a notícia da morte deste, Macriano aproveita que Galieno se ocupava com os bárbaros na Europa e proclama imperadores seus filhos Macrieno e Quieto.

A usurpação dura pouco tempo, um notável de Palmira, Odenato, consegue organizar uma resistência e não apenas pôr fim à usurpação, mas também conter o avanço persa. Embora saibamos que Odenato fora investido de um poder legítimo delegado por Galieno, a independência com a qual agia o nobre palmiraniano, revestido do título de “corretor de todo o Oriente (*corrector totius Orientis*)” de maneira que ele detivesse o comando das onze legiões da região e poder sobre a administração civil e fiscal de toda a Ásia Menor, Síria, Mesopotâmia e Arábia, deixa a entender que havia outra cisão administrativa no império que beirava a usurpação. No entanto, é somente depois da morte de Odenato em 267 que sua esposa Zenóbia e seu filho Vabalato se lançam à usurpação confessa. Ainda assim, a figura de Odenato deve ter em certa medida contribuído para a percepção da fragilidade do poder do imperador Galieno.

Mesmo tendo enfrentado todos esses desafios, Galieno conseguiu levar a cabo reformas que foram extremamente importantes para que o Império Romano começasse a ensaiar uma saída para esse longo período de crises. Embora tradicionalmente a historiografia tenha atribuído a Diocleciano o papel de grande reformador que reconfigurou o poder imperial, administração das províncias e a organização do exército, hoje sabemos que sua “revolução conservadora” – para usar as palavras de Yves Modéran¹⁹ – se baseou muito em medidas

tomadas pelos seus antecessores. Em sua época, Galieno percebeu que a crise que afetava seu reinado era primeiramente de ordem militar e que ele deveria agir no sentido de sanar três problemas principais: 1. o efetivo que era insuficiente para suprir as necessidades de defesa do império; 2. a mobilidade e o posicionamento das ainda gigantescas e lentas legiões romanas que eram incapazes de reprimir as invasões massivas e simultâneas; 3. o comando das legiões que ainda estava nas mãos dos senadores, os quais exerciam sua função apenas esporadicamente, não criavam laços firmes com seus exércitos e não acompanhavam, como os militares de carreira, as movimentações das forças inimigas²⁰.

Nesse sentido, Galieno agiu rápido depois da invasão dos Jutungos e Alamanos. Em torno de 262, ele teria estabelecido em Milão – local de residência do imperador quando ele não estava em campanha – uma força permanente de cavalaria chamada de *Comitatus*. Dessa maneira, essa unidade poderia responder rapidamente a emergências militares nas províncias Reno-danubianas, uma vez que elas eram dotadas de grande mobilidade e estavam sediadas num ponto estratégico. Galieno passou a usar de maneira mais frequente e desenvolvida as “forças expedicionárias (*exercitus expeditionis*)”, que uniam guarnições romanas e destacamentos mobilizados das tropas auxiliares do *limes* e das legiões e possuíam maior mobilidade. Numa ousada decisão, seu édito de 262 (cuja existência ainda é muito debatida) impediu o acesso dos senadores ao comando militar das legiões. É notável que, depois de 262, não vemos mais tribunos laticlávios nem legatos de legiões, estes foram substituídos pelos prefeitos de legião da ordem equestre²¹.

A preocupação de Galieno com a segurança e o bem-estar do império é admirável. Em 264 ele é o último dos imperadores romanos a visitar Atenas. Antecipando uma invasão dos Hérulos que ele não conseguiria combater, o imperador reorganizou as defesas da cidade. Essa visita gerou boas impressões em Dexipo, o historiador ateniense bastante patriota que presenciou o evento, e tudo indica que o imperador foi recebido com entusiasmo, uma vez que ele recebeu a cidadania ateniense e foi nomeado arconte da cidade²². Como Otaviano Augusto e Adriano, Galieno mostra um interesse extraordinário pela cultura grega, sua deusa preferida é Deméter e ele se inicia nos mistérios de Eleusis. O imperador e sua mulher, adeptos da filosofia neoplatônica, se circundam de filósofos brilhantes, cujo chefe é o célebre Plotino. Este acaba por se tornar mesmo conselheiro dele e de sua mulher, os quais o admiravam muito²³. Além dessas coisas, Galieno determina, num escrito enviado aos bispos do Egito, que os cristãos pudessem praticar seu culto livremente, restituindo às igrejas os bens que foram confiscados durante a perseguição perpetrada pelo seu pai Valeriano.

Diante disso, é natural que esperemos dos documentos contemporâneos – ou ao menos dos provenientes do mundo helenófono – alguma manifestação positiva sobre o imperador Galieno. Em verdade, a única fonte contemporânea que nos chega nesse sentido é a de Porfírio, que demonstra grande respeito pelo imperador e sua esposa. Dexipo nos chega de maneira indireta, através do cronista bizantino Zonaras, que escreveu no século XII e usou como fonte Pedro, o Patrício, que viveu no século VI, que por sua vez baseou-se na obra do historiador ateniense. Ainda assim, é interessante observar como Dexipo narra a morte heroica de Galieno, num complô encabeçado por Aureolo; sua esposa Salonina é salva da captura pelos soldados fieis ao imperador e este morre lutando. Os soldados enraivecidos com a morte de seu herói assassinam o usurpador e a narrativa de Dexipo termina com um belo epitáfio em honra ao governante admirador da cultura grega, o único imperador que visitou sua amada Atenas durante sua vida²⁴:

Ele era magnânimo em seus cuidados e desejava agradar a todos, e ninguém que o peticionasse era malsucedido, ao ponto que ele não punia nem aqueles que se opuseram a ele, nem aqueles que se associaram com pretensos usurpadores.²⁵

No entanto, não parece ter sido essa a versão que perdurou, ao menos no Ocidente latino. Um autor anônimo que escreveu uma curta biografia de Constantino pouco depois de sua morte²⁶ relata que, durante as tensões políticas que se seguiram após a morte de Constâncio em 306, o César Severo, “desprezível tanto nas morais quanto nas origens [e] dado à embriaguez, (...) foi degolado e em seguida deixado no oitavo miliário [da via Ápia] e enterrado no túmulo de Galieno²⁷”. Mais tarde, o autor anônimo do *Epitome de Caesaribus* faz eco a essa narrativa²⁸, e embora Aurélio Victor e Eutrópio²⁹ destoem dessa versão, é interessante observarmos como a figura de Galieno aqui encarna o *topos* do mau imperador quando da decisão dos soldados de enterrarem o imperador Severo, o bêbado desprezível, segundo o autor, junto a ele.

Essa associação de Galieno a Severo se faz possível quando observamos o que outras fontes afirmam sobre o imperador nesse sentido. Aurélio Victor, depois de narrar a série de desgraças que perpassaram o reino de Galieno, afirma que “durante esse tempo, o próprio fazia amizades com alcoviteiros e beberrões quando percorria as tavernas e espeluncas.”³⁰ O historiador chega mesmo a insinuar que Galieno teria tido uma amante de nome Pipa, filha do rei germânico Atálo, o que é improvável. O autor anônimo do *Epitome de Caesaribus* não comenta nenhum excesso do imperador, mas menciona essa concubina, que teria sido entregue pelo seu pai, rei dos Marcomanos, em casamento depois do tratado que fixou esses povos na Panônia³¹. Eutrópio é mais sucinto, ele afirma que o início do reinado de Galieno foi feliz, que em sua juventude o imperador foi digno de muitos feitos de coragem, mas que depois,

“rapidamente imerso em todo tipo de lascívia, soltou as rédeas da República com vergonhosa inércia e despreparo”³². Galieno é também associado ao César Constâncio Galo (r. 351 – 354) por Amiano Marcelino, quando o historiador comenta o hábito deste de perambular à noite disfarçado nas tavernas e becos³³.

A fonte mais hostil com relação ao imperador continua sendo a imaginativa História Augusta. O autor da parte que concerne o imperador Galieno, o descreve como um imperador do mal que é temido e um governante dissoluto que é desprezado, como um homem entregue a luxúria e sempre pronto para perpetrar algum ato desonroso, um homem que nasceu para seu ventre e para seus prazeres de maneira que a última parte da narrativa é uma longa enumeração dos excessos do imperador³⁴.

Zósimo, historiador grego do século VI, se cala sobre quaisquer comportamentos libidinosos de Galieno. Amiano Marcelino, historiador grego do final do século IV, parece seguir Dexipo quando menciona a leniência com a qual Galieno tratava os usurpadores e opositores, ainda que mencione, com certa desconfiança, a violência com a qual lhes torturava³⁵.

De onde veio, então, essa lenda negra – para usar a expressão de Yves Modéran – de Galieno? Por que todas as fontes tardias parecem não apenas denegrir a imagem do imperador, mas também usá-lo como parâmetro de comparação com outros governantes que foram considerados péssimos pela posteridade? Por que vemos um contraste tão grande quando lemos sua descrição nas fontes contemporâneas, ainda que essas sejam fragmentárias? Além do seu reinado longo, durante o qual naturalmente aconteceram mais incursões e guerras do que no de seus antecessores separadamente, alguns historiadores como David Armstrong, no artigo citado, acreditam que essa imagem ruim tem origem na propaganda de Constantino. Era necessário exaltar as qualidades e virtudes Cláudio II (r. 268 – 270), reivindicado como antepassado da dinastia³⁶, em relação ao seu predecessor.

Entretanto, outros elementos devem ser considerarmos para fazermos uma análise mais completa do assunto. Vale lembrar que no édito de Galieno os senadores não ficaram apenas impossibilitados de comandar as legiões, mas também de governar as províncias³⁷, esse mecanismo parecia visar, sobretudo, diminuir a quantidade de usurpações de governadores de províncias e gerais, que foram constantes durante o período anterior a Galieno. Outro aspecto importante é a desvalorização do *aurei*, a moeda de ouro. Como Galieno dispunha de um território muito menor durante o período em que o império esteve dividido, as minas de ouro a sua disposição também foram menores e ele se viu obrigado a diminuir a porcentagem de ouro nesse tipo de moedas, que eram usadas principalmente pela aristocracia senatorial, algo que

nenhum imperador ousou fazer anteriormente ou mesmo depois de seu reinado (ver tabela abaixo).

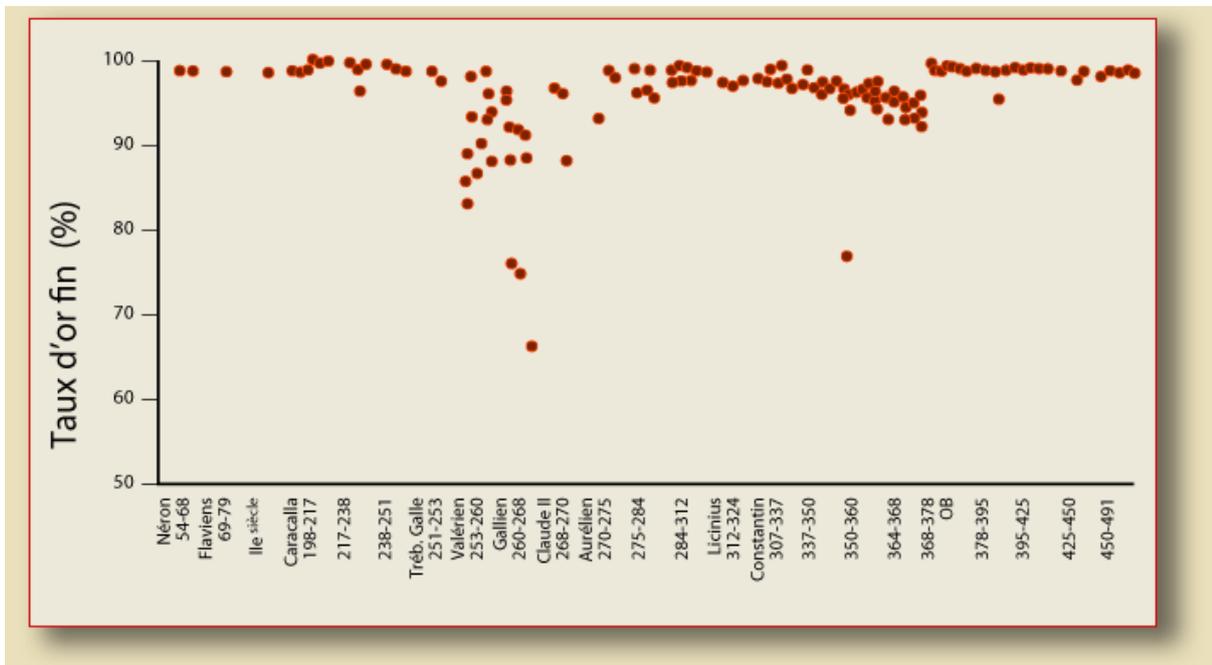


Tabela 1- Quantidade de ouro nas moedas³⁸

Parece, por fim, que com todas essas medidas Galieno causou descontentamento na ordem senatorial, por isso, ainda que seu reinado tenha sido positivo em muitos sentidos, principalmente no que concerne à saída do Império Romano deste período de crises intensas, os muitos escritores que eram oriundos desse meio que começou a perder muitos de seus privilégios o descreveram de maneira muito depreciativa, de maneira que aqueles que os usaram para escrever seus epítomes e breviários posteriormente incorporaram essas imagens em seus textos.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹Todas as datas nesse artigo são d.C.

²Essa definição se tornou tão comum no século passado, que figurou nas populares enciclopédias Larousse e Britannica.

³CHRISTOL, Michel. *L'Empire Romain du IIIe siècle, 192 – 325 apr. J.-C.* 2ª edição revista e aumentada. Paris: Errance, 2006, p. 75.

⁴ Herodiano, VII, 1, 2: “Seu comportamento era por natureza bárbaro, assim como sua raça (φύσει δὲ ἦν τὸ ἦθος, ὡσπερ καὶ τὸ γένος, βάρβαρος).” É certo que a afirmação do autor da História Augusta de que ele teria nascido de um pai gótico e de uma mãe alana parece um tanto absurda, no entanto, a idéia de que ele seria oriundo de um vilarejo na Trácia próximo à fronteira não parece tão improvável (SHA, *Max. Duo*, 1, 5). Uma síntese sobre o debate em torno da origem do imperador pode ser encontrada em LORIOT, Xavier. “Les premières années de la

grande crise du IIIe siècle. De l'avènement de Maximin le Thrace (235) à la mort de Gordien III (244)". In: ANRW, Berlin e New York, II, 2, 1975, pp. 666 - 667.

⁵ No *Epit. de Caes.* 36, 1 Tácito teria morrido em decorrência de uma febre. Aur. Vic. *de Caes.* 36, 2 e Zos. I, 63, 2, narram que ele teria sido assassinado num complô. SHA, *Tac.* 13, 5 admite a existência das duas versões, embora em SHA, *Prob.* 10, 1 o autor demonstre acreditar na versão da morte natural.

⁶ Uma síntese de dos eventos políticos que marcaram as sucessões imperiais no século III pode ser encontrada em MODÉLAN, Yves. *L'Empire romain tardif: 235-395 ap. J.-C.* 2ª edição atualizada. Paris: Ellipses, 2006, pp. 20 – 25.

⁷ ROSTOVITZ, Mikhail I. *The Social & Economic History of the Roman Empire.* Vol. I. 2ª edição revista. Oxford: Clarendon, 1957, pp. 433 – 468.

⁸ MODÉLAN, Yves. *op. cit.* p. 19 – 20.

⁹ Agost. *Epist.* 199, 10, 35 “*Bellis autem per diversa intervalla temporum et locorum quando non terra contrita est? (...) sub imperatore Gallieno, cum Romanas provincias barbaries usquequaque pervaderet, quam multos fratres nostros qui tunc erant in carne, putamus propinquum finem credere potuisse (...)*”

¹⁰ Eutr. *Brev.* IX, 4 nos relata brevemente que na época de Trajano Décio, “Uma guerra civil, que havia surgido na Gália, foi reprimida (*Bellum civile, quod in Gallia motum fuerat, oppressit.*)”

¹¹ DEMOUGEOT, Émilienne. *La formation de l'Europe et les invasions barbares : Des origines germaniques à l'avènement de Dioclétien.* Paris: Aubier, 1969, p. 489.

¹² Zos. I, 29, 2 – 3.

¹³ *Dex. fr.* 25 e 27 (Martin); Jorge Sinc. *Chron.* 457 (Mosshammer); Am. Marc. XXXI, 5, 16; Zós. I, 43, 1; Zon. XII, 26...

¹⁴ Cf. Jord. *Rom.* 287.

¹⁵ Zós. I, 37, 2.

¹⁶ Uma série excepcional de moedas cunhadas na oficina de Milão traz no reverso a inscrição “Salvuarda da Itália (*Salus Italiae*)”.

¹⁷ KÖNIG, Ingemar. *Die Galilischen Usurpatoren von Postumus bis Tetricus.* Munique: Beck, 1981, p. 184. Sobre esse episódio ver DRINKWATER, John F. *The Gallic Empire. Separatism and Continuity in the North-Western Provinces of the Roman Empire AD 260-274.* Stuttgart: Franz Steiner, 1987.

¹⁸ Essa campanha de Sapor I, bem como a anterior, foram narradas numa inscrição trilingue encontrada em Naqsh-e Rostam batizada por Mikhail Rostovtzeff como *Res Gestae Divi Saporis*. O relevo de Bishapur, no Irã, que mostra Sapor montado em seu cavalo pisoteando Gordiano III, trazendo Valeriano capturado e Filipe, o Árabe, pedindo a misericórdia do rei, nos dá uma ideia da dimensão dos sucessos militares dos Sassânidas na época.

¹⁹ MODÉLAN, Yves. *op. cit.* p. 69 – 70.

²⁰ *Ibid.* p. 62 – 63.

²¹ VENNING, Timothy. *A Chronology of the Roman Empire.* London: Continuum, 2011, p. 606.

²² ARMSTRONG, David (ed.). “Gallienus in Athens, 264”. In: *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik.* Nº 70, 1987, pp. 235 – 258.

²³ Porfírio, *Vida de Plotino*, 12.

²⁴ Em verdade, ele foi o único imperador a visitar Atenas entre a morte de Comodo em 193 e a breve visita de Constante II em 640.

²⁵ Zon. 12, 25. Tradução de Thomas M. Banchich e Eugene N. Lane.

²⁶ Sobre essa datação, ver KLEBS, Elimar. “Das Valesische Bruchstück zur Geschichte Constantins.” In: *Philologus.* Nº. 47, 1889, pp. 53 – 80 e ZECCHINI, Giuseppe. “L'origo Constantini Imperatoris”. In: ZECCHINI, Giuseppe. *Ricerche di storiografia latina tardoantica.* Roma: Bretschneider, 1993, p. 31.

²⁷ Anon. Valesian. I, 9 – 10 “*Severus Caesar ignobilis et moribus et natalibus, ebriosus (...) iugulatus est et deinde relatus ad octavum miliarium conditusque in Gallieni monumento*”

²⁸ *Epit. de Caes.* 40, 3. Ainda que ele afirme que o mausoléu de Galieno se encontrasse no nono miliário.

²⁹ Em Aur. Vict. *De Caes.* 40, 7 e Eutr. X, 2, 4 Severo teria sido morto em Ravena.

³⁰ Aur. Vict. *De Caes.* 33, 6: *Inter haec ipse popinas ganeasque obiens lenonum ac vinariorum amicitias haerebat.*

³¹ *Epit. de Caes.* 33, 1.

³² Eutr. IX, 8: *mox in omnem lasciviam dissolutus, tenendae rei publicae habenas probrosa ignavia et desperatione laxavit.*

³³ Am. Marc. XIV, 1, 9.

³⁴ SHA, *Gal. Duo*, 5, 1; 6; 16, 1.

³⁵ Am. Marc. XXI, 16, 10.

³⁶ *CIL* VI, 31564 = *ILS* 702 “filho do divino Constâncio, neto do divino Cláudio (*filius divi C[on]stanti, nepos / divi Claudi*)”

³⁷ VENNING, Timothy (ed.). *op. cit.* p. 606.

³⁸ Retirado de <http://www.ric.mom.fr/fr/info/sysmon> acessado em 19/08/2016 às 21:22.

Recebido em: 19/02/2016

Aprovado em: 07/07/2016